ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA ESTUDANTES COM TEA: CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA

RAISSA REGINA GARCIA BIZARI

RESUMO
Este trabalho tem como foco as estratégias pedagógicas voltadas ao ensino de estudantes com TEA na perspectiva da educação inclusiva. O objetivo do estudo é analisar, a partir da literatura científica, quais práticas pedagógicas podem contribuir para a aprendizagem desses estudantes. A pesquisa é de abordagem qualitativa e de natureza bibliográfica, baseada na análise de cinco artigos selecionados em base acadêmica, a partir de temas relacionados ao autismo, à educação inclusiva e às estratégias pedagógicas. Os resultados mostram que a inclusão não se efetiva apenas com o acesso à escola, mas depende de práticas pedagógicas intencionais, organizadas e sensíveis às necessidades de cada estudante. Entre as estratégias mais recorrentes estão o uso de recursos visuais, o ensino estruturado, a mediação do professor e a adaptação das atividades. Além disso, os estudos destacam a importância da formação continuada dos professores, do trabalho colaborativo e de melhores condições institucionais para que a inclusão aconteça de forma mais consistente. Assim, conclui-se que ainda existem desafios na prática escolar, mas também há caminhos possíveis para fortalecer a educação inclusiva, desde que haja articulação entre teoria, prática e políticas educacionais.

PALAVRAS-CHAVE: educação inclusiva. transtorno do espectro autista. estratégias pedagógicas. prática docente. formação docente.

INTRODUÇÃO

Este trabalho acadêmico de conclusão de curso da pós-graduação em Educação Especial com ênfase no Transtorno do Espectro Autista (TEA), da Universidade Estadual Paulista (UNESP), busca compreender o que as pesquisas têm indicado sobre as estratégias e as possibilidades pedagógicas voltadas ao ensino de estudantes com Transtorno do Espectro Autista, em consonância com a perspectiva da educação inclusiva.

O interesse pelo tema foi despertado ao longo do percurso formativo na pós-graduação, especialmente nas disciplinas "Linguagem e Comunicação no TEA", ministrada pela Profa. Dra. Márcia Regina dos Santos e pela Profa. Dra. Letícia Sampaio de Oliveira, e "AEE, ensino colaborativo e construção de Recursos de Apoio Pedagógico na área do TEA", ministrada pela Profa. Kátia de Abreu Fonseca e pela Profa. Kátia de Moura Graça Paixão. Essas disciplinas possibilitaram reflexões aprofundadas acerca das especificidades do desenvolvimento e da aprendizagem de estudantes com TEA, bem como sobre a importância da organização de práticas pedagógicas intencionais, do uso de recursos de apoio e do trabalho colaborativo entre professores.

Além disso, os estudos teóricos desenvolvidos ao longo do curso, com destaque para autores como Mantoan (2015), que problematiza a inclusão escolar a partir da transformação das práticas pedagógicas, e Schmidt, Bosa e Camargo (2016), que discutem as características do TEA e suas implicações no processo de aprendizagem, foram fundamentais para ampliar a compreensão sobre a educação inclusiva e fortalecer o interesse pela temática. Tais referenciais contribuíram para a construção de um olhar mais sensível e crítico em relação às necessidades educacionais específicas dos estudantes com TEA, bem como para a compreensão da escola como um espaço que deve se reorganizar para garantir a aprendizagem de todos.

Ao longo de aproximadamente dez anos de atuação na educação pública municipal da Prefeitura de São Paulo, inicialmente como professora da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I e, mais recentemente, desde 2021, na função de Coordenadora Pedagógica, foi possível vivenciar diferentes desafios relacionados ao processo de ensino e aprendizagem dos estudantes. Dentre esses desafios, destacam-se aqueles vinculados ao atendimento de crianças e adolescentes com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista.

Nas últimas décadas, observa-se um crescimento significativo no número de matrículas de estudantes com TEA na Rede Municipal de Ensino. Diante dessa

realidade, torna-se essencial garantir não apenas o acesso e a permanência desses estudantes nas unidades escolares, mas também a qualidade dos processos de ensino e aprendizagem que lhes são oferecidos. Assim, este estudo propõe discutir estratégias e possibilidades pedagógicas que possam subsidiar o trabalho docente e contribuir para a efetivação de uma educação inclusiva, em consonância com as orientações da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

O direito de bebês, crianças e adolescentes à educação de qualidade e ao desenvolvimento integral está assegurado por legislações que orientam a educação inclusiva, como a Política Paulistana de Educação Especial (SÃO PAULO, 2016) e documentos orientadores da rede municipal. No entanto, adequar práticas pedagógicas às especificidades de cada estudante ainda se configura como um desafio complexo no cotidiano escolar. Conforme destaca Cunha (2019), a prática docente na perspectiva inclusiva demanda formação continuada, planejamento intencional, trabalho colaborativo e sensibilidade para reconhecer as singularidades dos estudantes. Dessa forma, pensar em estratégias pedagógicas efetivas para o público com TEA é uma demanda urgente, especialmente diante do aumento de matrículas e das exigências da escola contemporânea.

Diante desse contexto, torna-se relevante investigar o que a literatura científica tem apontado acerca das estratégias pedagógicas voltadas aos estudantes com Transtorno do Espectro Autista. Assim, este estudo busca analisar produções acadêmicas que abordam práticas educativas inclusivas, com vistas a compreender possibilidades que possam subsidiar o trabalho docente.

A construção de uma escola inclusiva requer mudanças significativas nas práticas pedagógicas, nas concepções de ensino e nas relações estabelecidas no ambiente escolar. Para Mantoan (2015), a inclusão implica transformar a escola para que todos os estudantes tenham acesso à aprendizagem, superando modelos excludentes.

No que se refere ao Transtorno do Espectro Autista, Schmidt, Bosa e Camargo (2016) destacam que os estudantes apresentam formas singulares de interação, comunicação e aprendizagem, o que demanda estratégias pedagógicas diferenciadas e intencionais.

A perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (1997) contribui ao enfatizar a importância da mediação e das interações sociais no desenvolvimento humano. Nesse sentido, o papel do professor é fundamental na criação de condições que favoreçam a participação e a aprendizagem dos estudantes com TEA.

Além disso, documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) e as orientações da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo reforçam a importância de práticas pedagógicas inclusivas, que considerem as necessidades e potencialidades dos estudantes.

Assim, a literatura aponta que a inclusão de estudantes com TEA exige práticas pedagógicas planejadas, flexíveis e centradas no estudante, articulando teoria, política pública e prática docente.

Diante desse cenário, a presente pesquisa busca responder: quais estratégias pedagógicas têm sido apontadas na literatura como contribuições para o processo de ensino e aprendizagem de estudantes com Transtorno do Espectro Autista no contexto da educação inclusiva?

OBJETIVO GERAL

Analisar, a partir da literatura científica, estratégias e possibilidades pedagógicas voltadas ao ensino de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), em consonância com a perspectiva da educação inclusiva.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar estratégias pedagógicas descritas na literatura para o trabalho com estudantes com TEA;
- Compreender como essas estratégias contribuem para o processo de ensino e aprendizagem;
- Relacionar as práticas identificadas às diretrizes da educação inclusiva;
- Apontar desafios e possibilidades no contexto da prática docente.

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Esta pesquisa caracteriza-se como uma investigação de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, com foco na análise de produções científicas sobre estratégias pedagógicas voltadas a estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Optou-se por um recorte analítico delimitado, com a seleção de cinco artigos, de modo a possibilitar uma análise mais aprofundada das contribuições presentes na literatura. A escolha dos estudos considerou a relevância temática e a relação direta com práticas pedagógicas no contexto da educação inclusiva.

A busca foi realizada em bases de dados do Google Acadêmico, a partir de descritores como "autismo", "educação inclusiva" e "estratégias pedagógicas".

Como critérios de inclusão, foram considerados estudos que abordassem o processo de ensino e aprendizagem de estudantes com TEA e apresentassem estratégias pedagógicas aplicáveis ao contexto escolar.

Após a seleção, os artigos foram analisados a partir de leitura integral, considerando aspectos como objetivos, metodologias, estratégias pedagógicas e principais resultados.

A análise dos dados foi realizada de forma interpretativa, buscando identifi-i car recorrências, contribuições e lacunas na literatura, com vistas a compreender possibilidades pedagógicas no contexto da educação inclusiva.

No Quadro 1, as cinco obras analisadas podem ser conferidas com dados referentes ao autor(a)(es)(as), ano de publicação e título da pesquisa.

Quadro 1 – Estudos selecionados para análise.

Título(s) da pesquisa	Autor(a)(es)(as)	Ano
A atuação do professor como mediador no processo de inclusão social da criança com autismo	Saburido	2016
Os desafios e as possibilidades da inclusão dos alunos com autismo no sistema regular de ensino	Silva e Pires	2025
Práticas pedagógicas inclusivas no trabalho com crianças com transtorno do espectro autista	Teixeira et al.	2018
Práticas pedagógicas para a inclusão de crianças com autismo na educação regular	Fonseca et al.	2026
O processo ensino-aprendizagem da criança com TEA	Barbosa	2022

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos cinco estudos selecionados permite observar diferentes contribuições da literatura acerca das estratégias pedagógicas voltadas à inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto da educação regular. Para além da descrição de práticas, os estudos analisados evidenciam aproximações importantes, mas também revelam tensões entre o que é preconizado pelas políticas inclusivas e o que se materializa no cotidiano escolar.

No estudo de Saburido (2016), evidencia-se a centralidade do papel do professor como mediador no processo de inclusão. A autora destaca que a mediação pedagógica, quando pautada na intencionalidade e na compreensão das singularidades do estudante, favorece tanto a aprendizagem quanto a interação social. Essa perspectiva é especialmente relevante no caso de estudantes com Transtorno do Espectro Autista, uma vez que esses sujeitos podem apresentar dificuldades na comunicação, na interação social e na flexibilidade comportamental. Nesse sentido, a atuação intencional do professor, ao propor estratégias mediadoras ajustadas às necessidades do estudante, contribui para a ampliação de suas possibilidades de participação, aprendizagem e desenvolvimento no contexto escolar. Assim, a inclusão se concretiza na prática docente, que se torna elemento estruturante do processo educativo.

De forma semelhante, Silva e Pires (2025) reconhecem o papel do professor no processo de inclusão, mas tensionam essa centralidade ao evidenciar limites estruturais presentes no contexto escolar. As autoras apontam que a formação docente ainda se configura como um desafio importante para a efetivação da educação inclusiva, indicando que a responsabilidade atribuída ao professor nem sempre é acompanhada de condições formativas e institucionais adequadas. Além disso, destacam que a inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista exige não apenas boa vontade ou iniciativas isoladas, mas conhecimentos específicos e práticas pedagógicas intencionalmente planejadas.

Nesse sentido, observa-se que há um descompasso entre as demandas colocadas pela perspectiva inclusiva e as condições concretas de trabalho oferecidas aos professores, o que pode gerar insegurança e dificuldades na condução das práticas pedagógicas. As autoras também sugerem que, embora existam avanços no campo das políticas públicas, sua efetivação no cotidiano escolar ainda ocorre de maneira desigual, dependendo, muitas vezes, do esforço individual dos docentes. Tal cenário impacta diretamente a escolarização de estudantes com Transtorno do Espectro Autista,

uma vez que a ausência de formação específica e de suporte institucional pode comprometer a adoção de estratégias pedagógicas adequadas às suas necessidades, especialmente no que se refere à comunicação, à interação social e à organização da rotina. Dessa forma, reforça-se a necessidade de investimento em formação continuada e em suporte institucional, de modo a possibilitar práticas mais consistentes e alinhadas aos princípios da educação inclusiva, garantindo condições mais efetivas de participação e aprendizagem para esses estudantes.

A partir dessa análise, compreende-se que a inclusão não pode ser entendida como uma responsabilidade exclusivamente atribuída ao professor, mas como um processo que envolve múltiplos fatores, como as políticas educacionais, a organização da escola e as condições de trabalho. Essa compreensão é especialmente importante quando se trata de estudantes com Transtorno do Espectro Autista, que demandam estratégias pedagógicas específicas, previsibilidade na rotina e, muitas vezes, apoios adicionais para sua participação. Quando esses elementos não estão garantidos institucionalmente, o processo de inclusão tende a se fragilizar, recaindo de forma desigual sobre o professor e comprometendo as possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento desses estudantes. Assim, evidencia-se a complexidade do tema no contexto da educação regular e a necessidade de ações articuladas para que a inclusão se efetive de maneira mais consistente.

Essa tensão é parcialmente superada no estudo de Teixeira et al. (2020), que desloca o foco da atuação individual do professor para uma perspectiva colaborativa. Os autores evidenciam que o trabalho conjunto entre professores, família e equipe de apoio constitui um elemento fundamental para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas. Essa abordagem é especialmente significativa no contexto do Transtorno do Espectro Autista, uma vez que o acompanhamento do estudante demanda a articulação entre diferentes sujeitos que compartilham informações sobre suas necessidades, formas de comunicação e modos de aprendizagem. A partir dessa perspectiva, a inclusão passa a ser compreendida como um processo coletivo, que envolve diferentes saberes e práticas, favorecendo intervenções mais coerentes e contínuas. Assim, relativiza-se a centralidade exclusiva do professor, indicando que práticas inclusivas mais efetivas dependem da articulação entre os diversos atores que compõem o contexto escolar, especialmente no atendimento a estudantes com TEA.

Além disso, o estudo aponta que a construção dessas práticas colaborativas favorece não apenas a aprendizagem, mas também a participação do estudante com TEA nas atividades escolares, ampliando suas possibilidades de interação e desenvolvimento. Dessa forma, a inclusão deixa de ser uma ação isolada e passa a se constituir como um processo compartilhado, sustentado por relações de cooperação e corresponsabilidade.

Na mesma direção, Fonseca et al. (2025) aprofundam a discussão ao enfatizar estratégias pedagógicas específicas que contribuem para a inclusão de estudantes com TEA, como o ensino estruturado, a organização do ambiente de aprendizagem e o uso de tecnologias assistivas. Os autores indicam que práticas que favorecem a previsibilidade e a clareza das atividades tendem a contribuir para maior engajamento e autonomia dos estudantes, especialmente considerando as características do transtorno.

Ao trazer elementos mais concretos da prática pedagógica, o estudo contribui para operacionalizar a inclusão, aproximando-a do cotidiano escolar e oferecendo subsídios mais objetivos para o trabalho docente. No entanto, assim como evidenciado por Silva e Pires (2025), permanece a indicação de que a efetivação dessas estratégias depende de condições institucionais adequadas, como formação docente, organização do tempo pedagógico e disponibilidade de recursos. Essa questão se torna ainda mais relevante quando se trata de estudantes com Transtorno do Espectro Autista, que frequentemente necessitam de adaptações específicas, previsibilidade na rotina e uso de recursos pedagógicos diferenciados. Quando essas condições não estão asseguradas, há o risco de que as estratégias propostas não se concretizem na prática, comprometendo a participação e a aprendizagem desses estudantes. Dessa forma, observa-se que, embora a literatura avance na proposição de estratégias, sua implemen-

tação ainda está condicionada a fatores que extrapolam a ação individual do professor.

Por sua vez, Barbosa (2022) oferece uma leitura mais abrangente ao sistematizar a literatura sobre o tema, evidenciando que as dificuldades no processo de ensino-aprendizagem de estudantes com TEA são recorrentes e, em grande medida, relacionadas à formação docente. A autora aponta que a ausência de preparo específico para o trabalho com esse público impacta diretamente a qualidade das práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto escolar, limitando as possibilidades de participação e aprendizagem dos estudantes.

A partir dessa análise, compreende-se que os desafios enfrentados na inclusão de estudantes com TEA não se configuram como situações isoladas, mas como questões estruturais que atravessam o cotidiano das escolas. Nesse sentido, o estudo reforça a necessidade de investimento em formação inicial e continuada, bem como na construção de práticas pedagógicas mais intencionais e fundamentadas teoricamente.

Além disso, ao reunir diferentes produções acadêmicas, Barbosa (2022) contribui para evidenciar que, embora haja avanços nas discussões sobre educação inclusiva, ainda persistem lacunas importantes entre o que é proposto teoricamente e o que se concretiza na prática escolar. Tal constatação dialoga com os demais estudos analisados, reforçando a ideia de que a efetivação da inclusão depende de mudanças que envolvem não apenas o professor, mas também as condições institucionais e as políticas educacionais. Essa questão ganha ainda mais relevância no contexto do Transtorno do Espectro Autista, uma vez que a ausência de articulação entre teoria e prática pode resultar em propostas pedagógicas pouco acessíveis às necessidades desses estudantes, especialmente no que se refere à comunicação, à interação social e à adaptação das atividades. Assim, a permanência dessas lacunas pode comprometer a qualidade da inclusão, evidenciando a necessidade de ações mais efetivas para garantir a participação e a aprendizagem dos estudantes com TEA.

A análise articulada dos estudos evidencia, portanto, que há consenso quanto à importância de práticas pedagógicas planejadas, flexíveis e centradas nas necessidades dos estudantes com TEA. Estratégias como mediação pedagógica qualificada, uso de recursos visuais, ensino estruturado e adaptação curricular aparecem de forma recorrente, indicando um repertório consolidado na literatura.

Entretanto, também se evidencia uma tensão significativa entre o conhecimento produzido e sua efetivação na prática. Enquanto alguns estudos enfatizam o papel do professor, outros destacam a necessidade de trabalho colaborativo e condições institucionais adequadas, revelando que a inclusão não pode ser compreendida como responsabilidade individual, mas como um compromisso coletivo e sistêmico.

Outro aspecto amplamente destacado na análise dos artigos refere-se à formação continuada dos professores, compreendida não apenas como um complemento, mas como condição estruturante para a construção de práticas inclusivas. A recorrência desse elemento nos estudos analisados indica que, sem investimento formativo, as estratégias pedagógicas tendem a se fragilizar ou se tornar pontuais. Essa questão se torna ainda mais relevante no contexto do Transtorno do Espectro Autista, uma vez que o trabalho com esses estudantes exige conhecimentos específicos sobre suas formas de comunicação, interação e aprendizagem. Dessa forma, a ausência de formação continuada pode limitar a atuação docente e comprometer a efetivação de práticas inclusivas mais consistentes no cotidiano escolar.

Dessa forma, a literatura analisada aponta que a construção de práticas pedagógicas inclusivas envolve não apenas a adoção de estratégias específicas, mas também a necessidade de ressignificação das práticas escolares e das concepções de ensino, com foco no reconhecimento das diferenças e na valorização das singularidades dos estudantes com TEA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar, a partir da literatura científica, estratégias e possibilidades pedagógicas voltadas ao ensino de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), no contexto da educação inclusiva. A análise dos estudos selecionados permitiu

evidenciar que, embora haja avanços no campo das políticas públicas e na ampliação do acesso desses estudantes à escola regular, ainda persistem desafios significativos relacionados à efetivação de práticas pedagógicas inclusivas no cotidiano escolar.

Os resultados indicam que a inclusão não se concretiza apenas pela matrícula do estudante com TEA na escola comum, mas depende de um conjunto de ações pedagógicas intencionais, planejadas e articuladas às necessidades e potencialidades de cada sujeito. Nesse sentido, estratégias como o uso de recursos visuais, a flexibilização curricular, o ensino estruturado e a mediação pedagógica mostram-se fundamentais para favorecer a aprendizagem, a participação e o desenvolvimento dos estudantes.

Outro aspecto recorrente refere-se à formação docente, evidenciada como um dos principais desafios para a consolidação de práticas inclusivas. A ausência de formação especifica e continuada impacta diretamente a atuação dos professores, gerando inseguranças e dificultando a construção de propostas pedagógicas mais qualificadas. Dessa forma, destaca-se a importância de investimentos em processos formativos, bem como na criação de espaços coletivos de reflexão e troca entre os profissionais da educação.

Além disso, a análise dos estudos reforça a relevância do trabalho colaborativo entre escola, família e equipe multiprofissional como elemento essencial para a construção de um ambiente escolar mais acolhedor e responsivo às singularidades dos estudantes com TEA. Nessa perspectiva, a inclusão deve ser compreendida como um processo coletivo, que envolve diferentes atores e requer articulação entre práticas, saberes e políticas educacionais. Por fim, destaca-se que pensar a inclusão de estudantes com TEA implica repensar as próprias concepções de ensino e aprendizagem, superando práticas padronizadas e reconhecendo a diversidade como elemento constitutivo do processo educativo. Assim, evidencia-se que a efetivação da educação inclusiva demanda não apenas a adoção de estratégias pedagógicas específicas, mas também mudanças estruturais nas práticas escolares e nas condições institucionais. Espera-se que este estudo possa contribuir para a ampliação do olhar dos profissionais da educação, subsidiando reflexões e práticas que promovam o desenvolvimento integral dos estudantes e reafirmem o compromisso com uma educação verdadeiramente inclusiva.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Eloysa Neres. O processo ensino-aprendizagem da criança com TEA (Transtorno do Espectro Autista). 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Pitágoras, São Luís, 2022.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

CUNHA, Eugênia Augusta Gonzaga da. Educação inclusiva e formação de professores: desafios e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2019.

FONSECA, Elson Max Fernandes da et al. Práticas pedagógicas para a inclusão de crianças com autismo na educação regular. Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem, v. 10, p. 253–263, 2025.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? 2. ed. São Paulo: Moderna, 2015.

SABURIDO, Janaina Nascimento Souza. A atuação do professor como mediador no processo de inclusão social da criança com autismo. Revista Internacional de Audición y Lenguaje, Logopedia, Apoyo a la Integración y Multiculturalidad, v. 2, n. 3, p. 41–55, 2016.

SILVA, Juliana Teles; PIRES, Andréa de Paula. Os desafios e as possibilidades da inclusão dos alunos com autismo no sistema regular de ensino. Revista Aproximação, v. 7, n. 14, p. 61–75, 2025.

TEIXEIRA, Aline dos Santos et al. Práticas pedagógicas inclusivas no trabalho com crianças com transtorno do espectro autista, 2020.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SÃO PAULO (Município). Decreto nº 57.379, de 13 de outubro de 2016. Institui a Política Paulistana de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. São Paulo, 2016.

SÃO PAULO (Município). Instrução Normativa SME nº 14, de 28 de fevereiro de 2025. Regulamenta o Decreto nº 57.379/2016. São Paulo, 2025.

SÃO PAULO (Município). Orientações para o atendimento de estudantes com Transtorno do Espectro do Autismo. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, 2021.